

Contradições e Desafios na Educação Brasileira 3

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Willian Douglas Guilherme

(Organizador)

Contradições e Desafios na Educação Brasileira

3

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C764	Contradições e desafios na educação brasileira 3 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Contradições e Desafios na Educação Brasileira; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-375-0 DOI 10.22533/at.ed.750190106 1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação – Inclusão social. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 370.710981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior CRB6/2422	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

O livro “Contradições e Desafios na Educação Brasileira” foi dividido em 4 volumes e reuniu autores de diversas instituições de ensino superior, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas em vários estados brasileiros. O objetivo desta coleção foi de reunir relatos e pesquisas que apontassem, dentro da área da Educação, pontos em comuns.

Neste 3º Volume, continuamos com a “Interdisciplinaridade e educação” e abordamos a “Educação especial, família, práticas e identidade”, agrupando, respectivamente, na 1ª parte, 11 artigos e na 2ª, 12 artigos.

A coleção é um convite a leitura. No 1º Volume, os artigos foram agrupados em torno das “Ações afirmativas e inclusão social” e “Sustentabilidade, tecnologia e educação”. No 2º Volume, abordamos a “Interdisciplinaridade e educação” e “Um olhar crítico sobre a educação”. E por fim, no 4º e último Volume, reunimos os artigos em torno dos temas “Dialogando com a História da Educação Brasileira” e “Estudo de casos”, fechando a publicação.

Entregamos ao leitor o livro “Contradições e Desafios na Educação Brasileira” com a intenção de cooperar com o diálogo científico e acadêmico e contribuir para a democratização do conhecimento. Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE MATEMÁTICA DA EDUCACAO DO CAMPO SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DOS ALUNOS CARACTERIZADOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
<i>Edineide Rodrigues dos Santos</i> <i>Maria Edith Romano Siems-Marcondes</i> <i>Maristela Bortolon de Matos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7501901061	
CAPÍTULO 2	17
A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DO “MOVIMENTAR-SE”	
<i>Lady Ádria Monteiro dos Santos</i> <i>Gerleison Ribeiro Barros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7501901062	
CAPÍTULO 3	30
BIOQUÍMICA DO PÃO: VISÃO DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO SOBRE FERMENTO BIOLÓGICO E FERMENTAÇÃO	
<i>Larissa de Lima Faustino</i> <i>Helen Caroline Valter Fischer</i> <i>Luana Felski Leite</i> <i>Flávia Ivanski</i> <i>Juliana Sartori Bonini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7501901063	
CAPÍTULO 4	39
CURSOS DE HABILITAÇÃO AO MAGISTÉRIO: IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DOCENTE DE CRUZEIRO DO SUL/AC	
<i>Ana da Cruz Ferreira</i> <i>Maria Irinilda da Silva Bezerra</i> <i>Yasmin Andria Araújo Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7501901064	
CAPÍTULO 5	51
DESAFIOS NO ENSINO EXPERIMENTAL EM QUÍMICA NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE VIANA - ESPÍRITO SANTO	
<i>Nahun Thiaghor Lippaus Pires Gonçalves</i> <i>Michele Waltz Comaru</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7501901065	
CAPÍTULO 6	63
EXPERIÊNCIA ESTÉTICO SOCIAL EM ARTE: O CAMINHO COMO MÉTODO NOS APRENDIZADOS EM ARTE	
<i>Laura Paola Ferreira</i> <i>Eloisa Mara de Paula</i> <i>Fabrcio Andrade</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7501901066	

CAPÍTULO 7	76
FORMAÇÃO E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL COMO INSTRUMENTO DE MOTIVAÇÃO E AUTOESTIMA DO PROFESSOR	
<i>Cinthy Maduro de Lima</i>	
<i>Adriana Nunes de Freitas</i>	
<i>Mariene de Nazaré Andrade Sales</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7501901067	
CAPÍTULO 8	82
FORMAS E CORES: BRINCANDO E DESENVOLVENDO AS PRIMEIRAS NOÇÕES DE GEOMETRIA NA EDUCAÇÃO DA PRIMEIRA INFÂNCIA	
<i>Lindaura Marianne Mendes da Silva</i>	
<i>Luciana Cristina Porfírio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7501901068	
CAPÍTULO 9	98
INTERDISCIPLINARIDADE, O QUE PODE SER?	
<i>Núbia Rosa Baquini da Silva Martinelli</i>	
<i>Francieli Martins Chibiaque</i>	
<i>Jaqueline Ritter</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7501901069	
CAPÍTULO 10	108
O USO DO MAGNETÔMETRO NO ENSINO DE ELETROMAGNETISMO MAGNETOMETER USE ON ELETROMAGNETISM TEACHING	
<i>Karoline Zanetti</i>	
<i>Jucelino Cortez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.75019010610	
CAPÍTULO 11	119
REDESIGN DE UMA SEQUÊNCIA DE ENSINO APRENDIZAGEM SOBRE AROMAS PARA O ENSINO DE QUÍMICA	
<i>Elton Kazmierczak</i>	
<i>Jeremias Borges da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.75019010611	
CAPÍTULO 12	132
A INTEFERFACE DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA	
<i>Edineide Rodrigues dos Santos</i>	
<i>Maristela Bortolon de Matos</i>	
<i>Sérgio Luiz Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.75019010612	
CAPÍTULO 13	146
A RELAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA E NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A SOCIEDADE NOS DIAS ATUAIS	
<i>Carla Agda Lima de Souza</i>	
<i>Cláudio Ludgero Monteiro Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.75019010613	

CAPÍTULO 14	154
EDUCAÇÃO ESPECIAL, INCLUSÃO E AS DIRETRIZES MUNICIPAIS DE BRUSQUE (SC)	
<i>Camila da Cunha Nunes</i>	
<i>Amanda Alexssandra Vailate Fidelis</i>	
<i>Nadine Manrich</i>	
DOI 10.22533/at.ed.75019010614	
CAPÍTULO 15	164
EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO: NARRATIVAS DE UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UEPA	
<i>Diana Lemes Ferreira</i>	
<i>Rejane Pinheiro Chaves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.75019010615	
CAPÍTULO 16	171
IGUALDADE DE OPORTUNIDADE PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO	
<i>Sandra Lia de Oliveira Neves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.75019010616	
CAPÍTULO 17	178
INTERFACES DA PESQUISA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE EM ARTES VISUAIS	
<i>Leda Maria de Barros Guimarães</i>	
<i>Moema Martins Rebouças</i>	
DOI 10.22533/at.ed.75019010617	
CAPÍTULO 18	191
O DESAFIO DO PROFESSOR DIANTE DO PROCESSO DE INCLUSÃO NO IFAC: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESPANHOLA MEDIADO PELO SISTEMA BRAILLE	
<i>José Eliziário de Moura</i>	
<i>Paulo Eduardo Ferlini Teixeira</i>	
<i>Erlande D'Ávila do Nascimento</i>	
DOI 10.22533/at.ed.75019010618	
CAPÍTULO 19	205
O ESTUDO DOS SIGNOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE E DISCENTE	
<i>Lucas Antunes Tenório</i>	
<i>Marcela dos Santos Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.75019010619	
CAPÍTULO 20	217
PERSPECTIVAS DOCENTES SOBRE O EDUCAR E O CUIDAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Heloisa Alves Carvalho</i>	
<i>Lucy Ferreira Sofiete</i>	
<i>Maria Alice Araújo</i>	
<i>Daniane Xavier dos Santos</i>	
<i>Tatiane Tertuliano Mota da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.75019010620	

CAPÍTULO 21	228
RECOMENDAÇÕES DE AÇÕES E TECNOLOGIAS PARA A ACESSIBILIDADE DE SURDOS EM CURSO DE PROGRAMAÇÃO A DISTÂNCIA	
<i>Márcia Gonçalves de Oliveira</i>	
<i>Gabriel Silva Nascimento</i>	
<i>Mônica Ferreira Silva Lopes</i>	
<i>Anne Caroline Silva</i>	
<i>Lucinéia Barbosa da Costa Chagas</i>	
<i>Jennifer Gonçalves do Amaral</i>	
DOI 10.22533/at.ed.75019010621	
CAPÍTULO 22	240
RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL: CONCEITOS E DIRETRIZES	
<i>Bianca Santana Fonseca</i>	
<i>Ítalo Anderson dos Santos Araújo</i>	
<i>Liliane Caraciolo Ferreira</i>	
<i>Alvany Maria dos Santos Santiago</i>	
DOI 10.22533/at.ed.75019010622	
CAPÍTULO 23	262
SISTEMA SENSORIAL: UMA DINÂMICA PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Helen Caroline Valter Fischer</i>	
<i>Glaucia Renee Hilgemberg</i>	
<i>Larissa de Lima Faustino</i>	
<i>Juliana Sartori Bonini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.75019010623	
SOBRE O ORGANIZADOR	271

O DESAFIO DO PROFESSOR DIANTE DO PROCESSO DE INCLUSÃO NO IFAC: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESPANHOLA MEDIADO PELO SISTEMA BRAILLE

José Eliziário de Moura

(jose.moura@ifac.edu.br)

Paulo Eduardo Ferlini Teixeira (

paulo.teixeira@ifac.edu.br)

Erlande D'Ávila do Nascimento

(erlande.nascimento@ifac.edu.br)

RESUMO: No Brasil, o processo de inclusão é um dos desafios postos a todas as instituições de educação nos últimos anos. A dificuldade em oferecer formação continuada aos profissionais na área é um problema, principalmente na região norte. Notadamente, o Instituto Federal do Acre tem acolhido alunos com necessidades especiais, e muitos de seus professores procuram superar as adversidades na elaboração de metodologias estratégicas para realizar o ensino-aprendizagem. O objetivo principal é produzir reflexões sobre a utilização de variadas metodologias de ensino e aprendizagem para incluir o aluno especial à educação básica. A metodologia desta pesquisa se configura como quali-quantitativa exploratória, do tipo estudo de caso. A coleta de dados foi realizada através de levantamento bibliográfico e aplicação de entrevistas semiestruturadas. A investigação foi realizada no Instituto Federal do Acre – Campus Xapuri no ano de 2016 com uma turma de segundo ano do Curso Técnico em Biotecnologia integrado

com o ensino médio, na disciplina de Língua Espanhola. Na turma havia 32 alunos, sendo que dentre eles, uma aluna com deficiência visual, algo que nos chamou a atenção. O trabalho apresentou o acompanhamento das atividades da discente num período de seis meses do ano vigente e como resultado observou-se, portanto, o empenho da escrita em Braille da jovem deficiente visual que apresentou como resposta, variadas formas de vencer fronteiras geradas por preconceitos sociais, buscando provocar questionamentos sobre a criação da sua autonomia e formas de reconhecer a cidadania no contexto escolar. Como reflexões, questionou-se a urgência da formação continuada para professores na lida com alunos especiais e a importante inter-relação entre família e escola com intuito de promover melhores condições de aprendizagem, conseqüentemente, facilitando o processo de ensino técnico. Vale ressaltar que apenas nessa disciplina ela utilizou o sistema de escrita alfabética Braille como ferramenta metodológica de aprendizagem. O questionamento sobre gênero também está presente neste estudo, uma vez que a jovem revelou sofrer alguns tipos de discriminação na sua condição de mulher. No entanto, ao final do semestre, a estudante mostrou-se bem competente no processo de aprendizagem do idioma espanhol, conseguindo um bom

rendimento escolar e aprovação na citada disciplina. Portanto, ao final do estudo, pode-se observar que, quando o professor articula variados conceitos e metodologias ao ensino pode estimular o aprendizado do aluno cego, oferecendo-lhe igualdade de oportunidade dentro da diversidade cultural. Cabe salientar a importância da interação escola e família. Logo, torna-se necessário que o professor e o discente compreenda a relevância da linguagem como mediadora da aprendizagem não só do espanhol, mas também como base para o aprendizado em outras disciplinas, fortalecendo o desempenho escolar para alcançar objetivos e construir novas formas de entender o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Família. Espanhol. Braille. Inclusão.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa relatar ações do cotidiano escolar de uma aluna deficiente visual do curso técnico de Biotecnologia do Instituto Federal de Ciência e Educação do Acre – IFAC, campus Xapuri. A pesquisa ressalta, ainda, reflexões sobre o sucessivo avanço no processo de ensino-aprendizagem em língua espanhola mediado pelo sistema de escrita e leitura Braille no período referente ao segundo semestre de 2016 e gerado pela inter-relação entre a escola e a família.

Os estudos concernentes à inclusão de pessoas com deficiência visual, no contexto escolar do Acre, ainda carecem de fontes historiográficas. Dessa forma, este estudo se justifica por procurar contribuir ressaltando fontes confiáveis e experiências cotidianas de professores. No contexto desta pesquisa, mencionamos que, por meio de conversas informais com algumas pessoas da comunidade xapuriense foi possível detectar que, infelizmente, muitos deficientes, nesse município, sofrem diferentes tipos de preconceitos e discriminações, causando distanciamento entre o grupo de alunos especiais e a escola. Talvez por conta disso, considera-se um número bastante reduzido de discentes cegos nos cursos técnicos de instituições públicas de educação.

Quando falamos de alunos cegos, infelizmente, muitas pessoas preconceituosas caracterizam como pessoas acomodadas, com baixa autoestima e outros adjetivos pejorativos que devem ser desconsiderados no contexto deste trabalho. Na visão de Reily (2004), o professor deve exercer a função primordial de mediador do ensino-aprendizagem de alunos especiais.

PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Esta pesquisa ressalta um fato acontecido no ambiente escolar do IFAC, campus Xapuri (Acre). Trazendo a temática concernente à inclusão para nossa realidade, ressaltamos que logo nas primeiras semanas de aula do segundo semestre de 2016, observou-se o comportamento reprimido de uma aluna cega de 17 anos durante a aula de língua espanhola. A discente, (A. F. do N.), durante a aula não falava, só escutava,

não acompanhava as leituras e atividades práticas e, praticamente, apresentando sintomas de passividade, psicologicamente, parecia que estava num mundo distante da realidade escolar, embora fisicamente permanecesse presente. Assim, foi possível detectar que havia um inconveniente a ser resolvido ao longo do semestre letivo.

Mediante problema detectado, o professor de espanhol procurou conversar com representantes da coordenação e juntos chegaram a uma solução alternativa que seria chamar a responsável pela jovem para realizar um diálogo e, assim, tentar conhecer melhor o dia a dia da estudante com a finalidade de traçar metas para inseri-la ao processo educativo de forma mais eficiente.

Durante a conversa com a senhora M. F., mãe da adolescente, a mesma revelou que a filha estava sofrendo de depressão por não aceitar a perda da visão e, isso, realmente, poderia estar prejudicando a aprendizagem da aluna na escola. Além disso, a mãe relatou que a jovem sofria muitos preconceitos na comunidade onde morava pela condição de cega e procurou a escola para melhorar sua socialização e seu desenvolvimento intelectual.

Teoricamente, a LDB 9394/96 prega a permanência de alunos especiais na escola, no entanto, não basta estar presente no ambiente escolar, o estudante precisa ser acolhido pelos professores e colegas como se estivesse em seu lar para desenvolver suas habilidades e competências intelectuais em diferentes disciplinas. Nessa dimensão, foi proposto, ainda, o acompanhamento da discente com profissionais da área de psicologia e de pedagogia do Instituto Federal. Além disso, tornou-se imprescindível a interação da família com a entidade escolar.

Como foco desta investigação, priorizamos três aspectos considerados fundamentais para entender a construção do ensino-aprendizagem: o aprendiz, a escola e a família no processo de aquisição do saber no ambiente escolar. A análise desses três elementos influenciará a compreensão do desempenho favorável da discente com relação ao comportamento e aprendizado de língua espanhola, fato que será mostrado no corpo deste trabalho.

A problematização desta pesquisa gira em torno da busca de demonstrar a importância de incentivar um aluno com deficiência visual no processo interativo no contexto da sala de aula, promovendo melhor rendimento no aprendizado de língua espanhola. O objetivo principal desta pesquisa é produzir reflexões sobre a utilização de variadas metodologias de ensino-aprendizagem pelo professor, facilitando a progressão de alunos cegos, ressaltando experiências e conceitos para agregar conhecimentos.

O ponto de partida para a análise das dificuldades e as potencialidades da aluna participante desta pesquisa no processo de ensino e aprendizagem foi fazer um estudo diagnóstico sobre os conhecimentos prévios e investigar, sobretudo, o comportamento dela em seu lar. Uma das metas específicas foi dialogar com a discente para conhecer parte da sua história de vida e, assim, procurar entender o contexto social ao qual ela estava inserida.

Foram observados, ainda, fatos marcantes de sua trajetória estudantil. As informações foram colhidas por meio de conversa informal com sua mãe que serão relatadas mais adiante neste artigo. Para alcançar outros objetivos propostos neste estudo, foram realizadas atividades orais e escritas como a escuta de músicas e estudo do conteúdo contido nas letras para proporcionar diferentes formas de aprendizagem e maior afinidade com os demais alunos, uma vez que, a aprendiz demonstrou um aguçado gosto pela música.

Este estudo prima, também, por construir uma visão heterogênea centrada da diversidade cultural e emancipação das pessoas com deficiências e frutos da miscigenação de raças, promovendo novas discussões sobre a atuação e conquista dos espaços escolares, favorecendo à reconstrução de sua identidade cultural por meio da educação. A estudante do IFAC (Xapuri) é uma jovem afrodescendente que luta para superar vários tipos de preconceitos sociais, inclusive pelo trauma de ser uma pessoa que nasceu enxergando e depois, por ocasião do destino, perdeu a visão.

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para compreender melhor aspectos sociais e psicológicos do sujeito cego foram analisados estudos teóricos de Amiralian (2003). A autora relata experiências acerca de problemas de aprendizagem do aluno especial e ressalta a importância da interação escola/família para amenizar as adversidades. Além disso, cabe salientar a relevância do corpo em sua materialidade humana defendida por Butler (2003) e a temática sobre a racialidade proposta por Silva (2006), dentre outros.

Ainda como forma de embasamento teórico, mencionamos os estudos de Baralo (1999) sobre a aquisição de linguagem e o ensino de língua estrangeira. Também merecem menção as propostas sobre a aprendizagem de espanhol, as quais são apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) 1999. O Capítulo V da LDB 9394/1996 que trata da Educação Especial e a Lei 13.146/2015 que prioriza os direitos da pessoa com deficiência, assim como os estudos históricos sobre a origem do sistema Braille adaptado por Louis Braille.

Para iniciar esta discussão torna-se imprescindível mencionar o método estudo de caso proposto por Gonsalves (2003) caracterizado por apresentar a investigação de um pequeno grupo, o que se evidenciou nesse trabalho. Para compreensão dos fatos vale ressaltar o papel do Estado e da União como instituições responsáveis por manter o ensino médio e tecnológico. Além do mais, é responsabilidade dessas instituições manter a educação inclusiva no ensino regular aos alunos com necessidades especiais, especificamente, acolher o aluno com deficiência visual e a LDB 9394/96 em seu Capítulo V e Art. 58 define a educação especial:

(...) para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. §1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio

especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial. §2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular. §3º A oferta da educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil. (LDB9394/96 Art.58)

No entanto, entendemos que não basta somente oferecer a educação especial, mas a escola deve procurar adaptar suas teorias e práticas para dar melhores condições a esse discente, promovendo o alcance de um patamar favorável ao desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades, promovendo o processo de inclusão social desde muito cedo.

A escola como unidade de inclusão produtora de saberes e práticas firma seu papel fundamental no desenvolvimento intelectual e social do ser humano. No entanto, há variadas fases e dificuldades que o discente ao chegar ao ensino básico precisa vencê-las para sua adaptação e socialização com o mundo interior e exterior. Reily (2004) aponta sugestões para a melhoria do ensino especial desde a tenra idade escolar dos alunos cegos.

Entendemos que o professor das séries iniciais, com experiência pedagógica como alfabetizador, pode explicitar ao aluno com deficiência visual a presença das práticas de leitura e escrita no cotidiano escolar, trabalhando a função social da escrita com todos os alunos da classe. (REILY. 2004, p. 1).

A autora sugere que o educador desde as séries iniciais amplie suas possibilidades de comunicação e interação com o educando por meio da leitura e escrita para tornar os conteúdos mais acessíveis, sugerindo a construção de uma prática educacional reflexiva para edificar os avanços no campo da educação especial tanto no aprendizado de libras como no estudo mediado pelo sistema braile.

No caso da estudante participante da pesquisa, sua mãe relatou que a jovem não teve a oportunidade de se desenvolver, satisfatoriamente, nas séries iniciais, pois, segunda à mãe, os professores não estavam preparados para ensinar crianças cegas e isso gerou muitos transtornos ao chegar ao ensino médio. Ela afirma que a jovem, nas séries iniciais, não escrevia, nem lia em Braille. Somente depois desenvolveu sua escrita nesse sistema.

Vale frisar a importância de se conhecer a história da criação do sistema de escrita leitura Braille e suas dimensões no campo da aprendizagem do estudante com a visão comprometida. Para Reily (2004, p. 4) precursor da educação para cegos na Europa foi Valentin Hauy ainda no século XIX com a criação de letras de papelão em alto relevo. No entanto, esse sistema era muito limitado e os alunos não se adaptaram ao mesmo. Assim, Louis Braille, com base no código militar de 12 pontos criado pelo francês Charles Barbier, adaptou-o alterando para 6 pontos verticais o novo código comunicativo que é utilizado até hoje. Infelizmente, o uso do código Braille na comunicação entre os cegos foi proibido por questões políticas, mas os alunos utilizavam-no na clandestinidade.

Somente, mais tarde tal código foi aceito pelo Instituto Nacional Parisiense, em 1854, dois anos após a morte do seu criador.

Reily (2004) afirma que a educação oficial de cegos no Brasil teve início também em 1854 fundado pelo decreto imperial do imperador D. Pedro I. Neste ano foi criado o Imperial Instituto dos Meninos Cegos.

Pesquisas revelam que, nos últimos anos, tais estudos tivemos importantes avanços acontecidos em decorrência de contatos pessoais de figuras públicas com a problemática dos deficientes. A Lei 13.146/2015, em seu capítulo IV prevê o direito à educação de pessoas deficientes em variados níveis, independentemente de classe social, como forma de atender o pleno desenvolvimento intelectual da comunidade que por muito tempo ficou à margem da sociedade.

A educação constitui direito da pessoa com deficiência assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação. (Lei 13.146/2015 Art. 27)

Para tanto, fica muito claro que é um dever do Estado e da família oferecer educação de qualidade, equipar as escolas para receber alunos especiais, dando suporte para que eles permaneçam na escola, recebam atendimento de qualidade pelos professores. Entretanto, os docentes precisam de formação continuada para lidar com o discente especial. No contexto do IFAC, campus Xapuri, a estudante desde que ingressou ao curso de Biotecnologia em 2015 sempre teve acompanhamento com seus professores no contra turno de aula para esclarecer as dúvidas referentes a conteúdos estudados. Entretanto, os professores nunca tiveram formação continuada em ensino do sistema Braille, ficando limitados a utilizar apenas a linguagem oral entre professor e aluno cego. A partir de 2016 evidenciou-se a contratação de um técnico de assuntos em educação especial e um professor de espanhol com formação continuada em educação inclusiva. Assim, a discente foi auxiliada em horários alternativos com maior atenção. Isso causou, de certa forma, um impulso na aprendizagem da discente e, sobretudo, foi um incentivo a mais para que ela continuasse a se dedicar aos estudos do sistema de escrita adaptado por Louis Braille para facilitar a compreensão de conteúdos de variadas disciplinas. Dessa forma, a Lei de Inclusão n. 13.146/2015, no seu Art. 28 prevê:

Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: XI - formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado, de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais de apoio; XII - oferta de ensino da Libras, do Sistema Braille e de uso de recursos de tecnologia assistiva, de forma a ampliar

Atendendo a essas exigências o Instituto Federal do Acre procurou oferecer melhores condições de aprendizagem à discente com cegueira, contratando um técnico para atender alunos especiais. Ainda, assim, cabe-nos, como professores, a missão de buscar meios alternativos de atender esses alunos, procurando estabelecer uma forma promissora de comunicação para transmitir os saberes e as práticas necessárias ao desenvolvimento social e intelectual. Como metodologia de avaliação, foram estabelecidas estratégias de valorização dos saberes prévios sobre o espanhol e foram realizadas diversas atividades envolvendo diálogos e músicas, apreciadas e cantadas pelos estudantes. As provas que serão visualizadas nos apêndices desta pesquisa apresentam uma das formas de avaliação da aprendizagem da discente. As demais formas de avaliar a aluna eram mediadas por atividades em sala, extraclasse, ou seja, a distância, através de gravações de áudios enviadas pelo celular via internet. Conseqüentemente, acreditamos que isso incentivou a aluna com deficiência visual a participar das aulas, ativamente, pois ela tinha grande afinidade com certos gêneros musicais.

Aqui citamos um fato que julgamos ter sido importante para o desenvolvimento da aprendizagem da aluna deficiente: _ a interação com a família. Além disso, cabe reiterar que o professor de língua espanhola ingressante à instituição em 2016, também possuía formação acadêmica em música e tinha experiência como instrutor musical de cegos, isso talvez, tenha possibilitado uma melhor aproximação com a discente deficiente visual. Segundo revelou a mãe de jovem, dona M. F. dos S., em conversa informal com o docente, ressaltou que a jovem cega gostava muito de música e que tocava violão e bateria desde os 12 anos de idade. A mãe reitera dizendo que o sonho da filha é fazer uma faculdade de música quando concluir o ensino técnico, porém na localidade onde mora não há o citado curso superior. Assim, as duas pensavam em morar na capital a partir de 2019.

Para Reily (2004) torna-se fundamental a relação escola e família no desenvolvimento social e intelectual do aluno. A autora revelou em entrevista à Editora Papyrus concedida em 26-12-2009 que o professor é um dos protagonistas dessa interação.

O professor tem um papel essencial como mediador dos processos de ensino-aprendizagem. Na escola inclusiva, é ele que recebe o aluno com necessidades especiais na sala de aula. Sua atitude perante a deficiência é determinante para orientar como esse aluno, com as suas diferenças, vai ser visto pelos colegas. O professor também organiza o trabalho pedagógico e pensa estratégias para garantir que todos tenham possibilidade de participar e aprender. No entanto, ele não é o único responsável pela educação do aluno com necessidades especiais. A escola também responde pela inclusão, e cabe ao professor promover uma mediação entre família e escola, solicitando suporte e acompanhamento da escola durante o ano letivo. Assim, vemos que a mediação se dá em vários níveis: no trabalho pedagógico, nas relações na sala de aula, na escola e também nas relações com a família e a comunidade. (Blog Inclusão e Cidadania. Editora Papyrus: 26-12-2009)

A interatividade entre a escola, a família e o professor, sugerida pela autora, foi fundamental para conhecer os pontos positivos e pontos negativos que, interferiram no processo de ensino-aprendizagem da aluna deficiente durante o período da investigação. Dessa forma, o professor de espanhol conheceu o gosto da aluna pela música e incorporou ao plano de aula diferentes atividades envolvendo o estudo de canções em espanhol. Isso proporcionou maior interesse tanto da turma como em particular, a discente cega.

Além de músicas compartilhadas via redes sociais, o professor de espanhol também enviou variados textos e atividades didáticas para a discente. No entanto, o instrutor de Braille do IFAC havia alertado que a aprendiz havia desprezado, por um tempo, o sistema de escrita por conta do uso aparelho celular. O mesmo fato também foi revelado pela mãe da garota em reunião com a equipe pedagógica. Em acordo com a mãe, a estudante resolveu deixar o celular de lado e dedicar-se mais ao estudo do Braille lendo uma bíblia escrita neste sistema. Isso causou mais conforto a sua mãe e, sobretudo, aos professores de diferentes disciplinas escolares no Instituto porque o uso excessivo do aparelho celular pode, de certa forma, causar acomodação ao usuário.

Para compreender o presente histórico da aluna A. F.N., faz-se necessário saber um pouco mais de sua história contada por sua mãe. Segundo ela, Alana nasceu com problemas na visão, porém, conseguia enxergar com dificuldade. Usou óculos por um bom tempo, mas não gostava porque era muito forte e sofria preconceito por partes de alguns coleguinhas. A jovem fez duas cirurgias nos olhos para melhorar a visão.

Na primeira, ela tinha apenas 8 meses de idade e na segunda a criança tinha cinco anos. Depois da cirurgia ela conseguiu enxergar perfeitamente até os doze anos de idade. Gostava muito de cores fortes, frequentava constantemente a igreja evangélica e aí, aprendeu a tocar bateria. Mas, na passagem dos doze aos treze anos ela perdeu completamente a visão e isso lhe causou sérios problemas de depressão. A mãe revelou que sua filha conheceu uma professora de educação especial que se tornou sua tutora e lhe ensinou o Braille, ainda de forma elementar. A professora trabalhava na sala de educação inclusiva na escola Antero Soares Bezerra em Xapuri, mas em pouco tempo, a docente foi transferida para outra escola em Rio Branco. Isso causou muita tristeza à aluna que, afastada da escola passou a sofrer discriminações por populares tanto pela cegueira e quanto pela sua cor da pele. Pelúcio, (2012) citando Bahba, (1998) observa a simbologia estereotipada da cor da pele:

A pele, nos ensinou Homi Bhabha, como significante chave da diferença cultural e racial no estereótipo é o mais visível dos fetiches, reconhecido como 'conhecimento geral' de uma série de discursos culturais, políticos e históricos, e representa um papel público no drama racial que é encenado todos os dias nas sociedades coloniais (BHABHA, 1998:121, *apud* PELÚCIO, 2012, p. 397)

Dito de outra forma, entendemos que o preconceito e a discriminação racial

estão muito presentes na diferença cultural e na criação de estereótipos na sociedade xapuriense pós-moderna. A raça e a feminilidade também são discutidas por Butler (2011). A autora defende a liberdade da mulher no seu próprio domínio das questões corpóreas em que o corpo não é objeto do pensamento alheio. Ela critica a teorização da materialidade do corpo do ser feminino. Para a autora,

[...] teorizar a partir das ruínas do Logos convida a se fazer a seguinte pergunta: “E o que ocorre com a materialidade dos corpos?” Em realidade, num passado recente, me formulei repetidamente esta pergunta do seguinte modo: “e o que ocorre com a materialidade dos corpos, Judy?” Supus que o agregado de “Judy” era um esforço para desalojar-me do mais formal “Judith” e recordar-me de que há uma vida corporal que não pode estar ausente da teorização. Há certa exasperação na pronúncia desse apelativo final em diminutivo, certa qualidade paternalista que me (re)constituía como uma menina (em fase escolar), que devia ser obrigada a retornar à tarefa, que haveria de reinstalar-se nesse ser corporal, o qual, depois de tudo, se considera mais real, mais pressionado, mais inegável. Talvez fosse um esforço por recordar-me de uma feminilidade aparentemente esvaziada (evacuated femininity), a que se constituiu, lá na década de 1950, quando a figura de Judy Garland produziu inadvertidamente uma série de “Judys” cujas apropriações e liberações não poderiam se predizer então. (BUTLER, 2011, p.13).

A autora fala sobre a reconstrução de sua identidade na figura de uma menina em idade escolar que, apesar de preconceitos, construiu sua autonomia. Em relação à jovem estudante de Xapuri, de certa forma, ela lutou contra os preconceitos, não por apresentar alterações em sua sexualidade, mas por ser uma menina cega, de classe social menos privilegiada e de descendência híbrida ou de mistura racial. Entretanto, encontrou acolhimento na escola para superar as dificuldades e resistências que a vida lhe impunha, visando o seu desenvolvimento humano e social.

Para Vygotsky (1997) a inserção do sujeito ao meio social, visando a sua humanização e o seu pleno desenvolvimento é permeado por meio da aquisição da linguagem prevista ainda no jardim da infância. No entanto, o autor afirma que há limitações do aluno cego por conta de conflitos por conta da falta da palavra escrita. Essa, por sua vez, será um artifício a mais para o desenvolvimento do discente com cegueira. Nessa perspectiva é que associamos a importância de utilizar o sistema Braille com estratégia de aprendizagem e registro escrito. A unificação desse sistema de escrita no Brasil foi marcada por várias instâncias internacionais. Cabe citar a União Mundial dos Cegos (UMC) e a Organização Nacional de Cegos da Espanha (ONCE), dentre outras. Houve assim, de unificar a simbologia nas disciplinas de matemática e ciências.

Com a promulgação da Lei n. 11.161/2005 que prevê a oferta de língua espanhola como componente disciplinar obrigatório no currículo do ensino médio a partir de 2010, e a Lei 13.146/2015 que prioriza a inserção de pessoas com deficiência na escola, houve a necessidade de se adaptar a escrita em Braille para os cegos. Essa assistência é promovida pelas instituições escolares através da contratação de instrutores para alunos com cegueira. No entanto, cabe ao professor participar de formação continuada

para poder atender de forma mais direta o aluno com deficiência visual.

Amiralian (2003) observou algumas precauções ao ensinar um aluno com cegueira:

Devemos ter sempre em mente que, para os videntes, o mundo mental dos cegos é um conceito nebuloso, organizado por analogias ou inferido de situações que consideramos semelhantes às deles. Dessa mesma maneira, o mundo mental dos videntes é construído pelos cegos. Por exemplo, para nós é muito difícil pensar em uma representação mental sem a imagem visual, ou o que seja o conceito tátil-cinestésico de cadeira, assim, como para os cegos congênitos, a visualização dos objetos é um dado impossível. (AMIRALIAN, 2003, p. 207).

O autor aborda as dificuldades de compreensão do mundo real e físico por deficientes visuais que já nasceram com essa característica, no entanto, a jovem estudante adquiriu a cegueira ainda na infância, na qual ela teve o contato com o mundo visual, o que lhe tornou mais fácil compreender a existência dos objetos, inclusive as características e as cores. Por isso, sua mãe revelou que a garota tem uma grande atração por cores fortes como o vermelho por exemplo.

Além de desenvolver o gosto pelas cores, ela expressa grandes habilidades em relação à apreciação e a execução musical. A mesma aprendeu a tocar violão, bateria e cantar hinos evangélicos, chegando a participar de variados eventos em diferentes igrejas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os resultados das duas avaliações bimestrais anexas ao apêndice deste trabalho e outras atividades propostas pelo professor de espanhol, as quais apresentaram valores crescentes na aprendizagem de A. F. do N., verificou-se a importância de se trabalhar o desenvolvimento do ensino-aprendizagem de um discente com cegueira, partindo da inter-relação escola/família no contato e no diálogo com a mãe da discente, ação proposta por Reily (2004). Depois de traçarmos um plano estratégico, foram detectados os problemas e dificuldades de aprendizagem da aluna cega e, em seguida, o grupo de profissionais que envolveram professores e coordenadores promoveram atividades favoráveis ao desempenho da discente, alcançando um patamar desejável. Com base em distintas teorias foi possível compreender como aplicar as atividades práticas envolvendo as suas habilidades e gostos como a prática musical, trazidas ao contexto cotidiano para tornar as aulas de língua espanhola mais prazerosa.

Portanto, este trabalho não teve a intenção de afirmar qual foi, ou quais foram as melhores estratégias de aquisição da aprendizagem de língua estrangeira espanhola para um aluno com a visão comprometida, mas propõe, aqui, indicar possíveis direções para a melhoria do ensino de espanhol para cegos e uma das maneiras mais prazerosas de utilização da escrita do sistema Braille, a utilização de atividades

auxiliadas pela tecnologia e através de canções.

A partir do exposto, podemos entender que a aprendizagem é um processo de desenvolvimento e amadurecimento do ser humano e que os meios para alcançá-la, dependem, principalmente, da vontade e determinação do sujeito. Afinal o aprendiz necessita de incentivos e esse é o ponto em que a presença do professor faz a diferença. Torna-se imprescindível que o profissional tenha domínio de variadas formas de linguagens para desenvolver o processo interativo com o estudante especial. Por isso, fomentamos a propagação de formação continuada para professores de diferentes áreas do conhecimento para que possam idealizar metodologias atrativas, inserindo os saberes e práticas ao alcance dos alunos especiais.

REFERÊNCIAS

- AMIRALIAN, M.L.T.M. **A deficiência Redescoberta: A orientação de pais de crianças com deficiência visual.** Rev. Psicologia 2003, 20(62). P.107-15. Disponível em: <<https://bit.ly/2AYiLgz>>. Acesso em mar de 2017.
- BARALO, M. **La Adquisición del español como lengua extranjera.** Madrid. Arco Libros, 1999.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnologia. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ensino Médio. Brasília: MEC, 1999
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** nº 9394/96. Brasília, DF Disponível em <<https://bit.ly/1OgopZ0>>. Acesso em: 14 de jun. de 2017.
- BRASIL. **Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005.** Brasília. D. F. 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/2TdbBMo>>. Acesso em: 14 jun. 2017.
- BRASIL. **Lei N 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015.** Disponível em <<https://bit.ly/2numMRn>>. Acesso em: 4 jun. 2017.
- BUTLER, J. **Corpos que importam.** Bodies that matter. On the Discursive Limits of “Sex”. New York: Routledge, [1993], 2011. Sapere Aude – Belo Horizonte, v.6 - n.11, p.12-16 – 1º sem. 2015. ISSN: 2177-6342. Disponível em: <<https://bit.ly/2U4LQ0U>> Acesso em: 10 jun. 2017. Tradução de Magda Guadalupe dos Santos; Sérgio Murilo Rodrigues.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero.** Feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica.** Campinas. S. P. Editora Alínea, 2003.
- LIRA, M. C. F., & SCHLINDWEIN, L. M. (2008) A pessoa cega e a inclusão: um olhar a partir da psicologia histórico-cultural. **Caderno Cedes**, 28(75), 171-190.
- PELÚCIO, L. **Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre póscolonialismos, feminismos e estudos queer.** In: Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2012, in: Contemporânea ISSN: 2236-532X v. 2, n. 2 p. 395-418.
- REILY, L. **Escola inclusiva:** Linguagem e mediação. Campinas, SP : Papyrus, 2004.

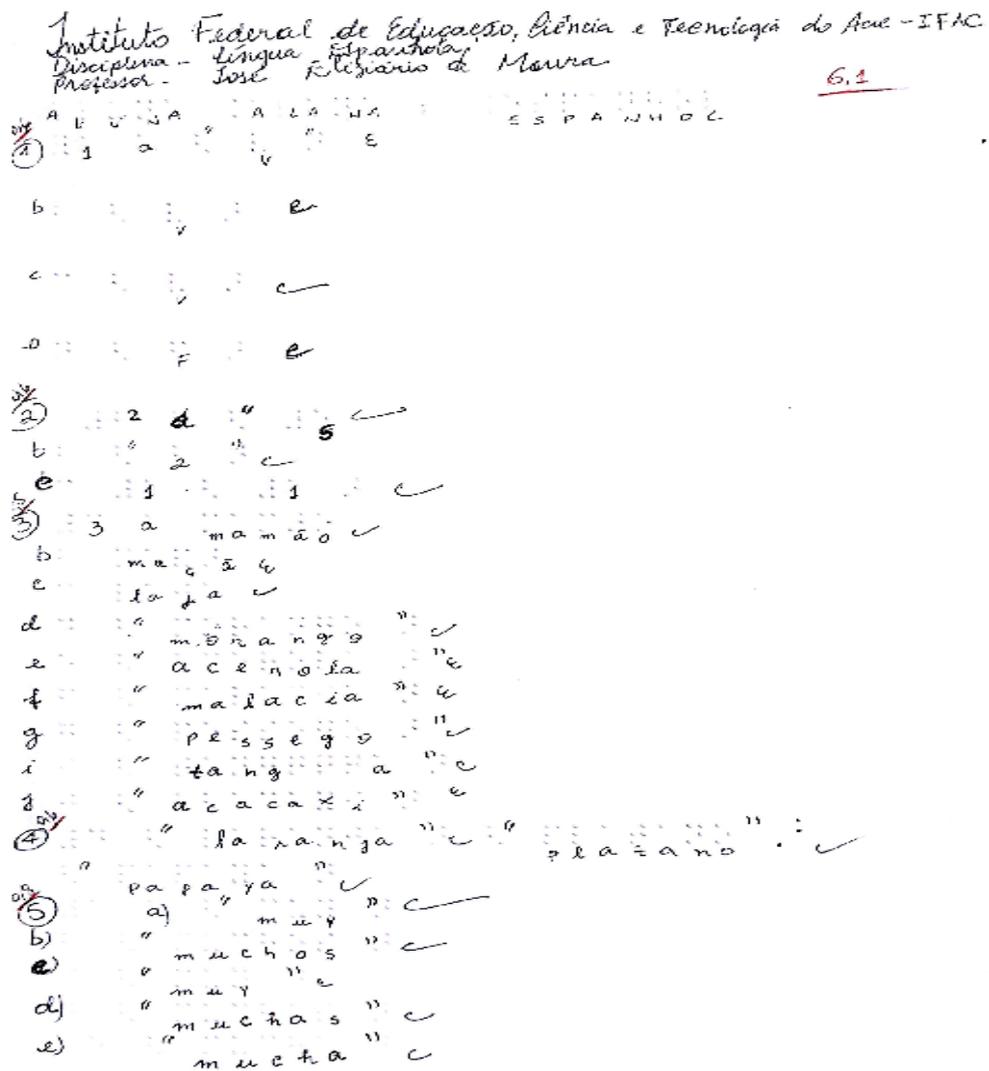
<<https://bit.ly/2numMRn>>. Acesso em: 29 de abril de 2017.

Disponível em: <<https://bit.ly/2T64Tb7>>. Acesso em: 08 jul. 2017. Blog **Inclusão e Cidadania**. Entrevista com a autora, do site da Editora Papirus: 26-12-2009.

SILVA, D. F., À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo. **Estudos Feministas**, v. 14, n.1, 2006, p. 61-83.

VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos de Defectología**. Obras Completas, tomo cinco (2ª reimpr.). Cuba: Editorial Pueblo y Educación. (1997).

APÊNDICES



Scanned by CamScanner

Imagem 1 – Avaliação de Língua Espanhola transcrita em Braille

Fonte: Própria dos autores

A mí me gusta mucho ir al cine y al teatro. Me gustan el teatro clásico y las películas en blanco y negro. Me gustan mucho las películas sobre los años 60. Me gusta comer, en especial, la pasta, las ensaladas y los dulces. Mi plato favorito es la paella. En la música soy muy clásico. Me gustan la música clásica y el jazz, pero no me gusta el blues y, desde luego, el rock duro no me gusta nada. Mi compositor favorito es Mozart. En mi tiempo libre me gusta cenar en restaurantes con amigos, pasear por el campo, leer e ir de compras. No me gusta nada el deporte. En mi escritorio siempre hay algún libro, muchos papeles, unos cds de música, mis gafas y una foto de mi pareja, mi vieja máquina de escribir y mis bolígrafos. A mí me gusta estudiar las leyes para defender a mis clientes y, sobre todo, prefiero escribir cartas, largas cartas al envés de está mandando mensajes en las redes sociales.

- 0,8 1-De acuerdo con el texto marca (V) para verdadero y (F) para falso. (1,0)
- a) (✓) El texto está escrito en 3ª persona del singular, presente de indicativo, verbo gustar; E
 - b) (f) El autor es muy moderno en sus acciones; E
 - c) (✓) Al autor no le gusta el rock duro; E
 - d) (f) La traducción de la palabra película en portugués es cinema; E
 - e) (✓) La profesión del autor es abogado. E
- 1,0 2- De acuerdo con el texto, es correcto afirmar que el autor... MARCA UNA ALTERNATIVA. (1,0)
- a) () está de vacaciones
 - b) () trabaja con su ordenador;
 - c) () manda mensajes vía internet
 - d) (✓) trabaja, leer mucho y su plato favorito es la paella; E
 - e) () costumbre ir al cine y oír rock duro.

UN BUEN ESTUDIANTE
yo como buena estudiante les quiero dar un consejo. Ser responsable y constante y trabajar con esmero. Hay que luchar en la vida para ser muy importante

y estudiar es la salida para salir adelante.
Me he dedicado a estudiar con esfuerzo y dedicación y los quiero invitar a estudiar con precisión. En la vida hay que triunfar y trazarse muchas metas

para eso hay que estudiar y alcanzar una de estas
Mi meta ya está trazada es ser buena profesional ayudar a mi familia y estar lista para el final
SULLY MONTES (adaptado)

- 1,0 3- Marca la alternativa que da el real significado de la expresión: "TRABAJAR CON ESmero". (1,0)
- a) trabajar precionado;
 - b) trabajar con poco esfuerzo;
 - c) trabajar con ganas de parar;
 - d) trabajar libremente, con imprecisión;
 - e) (✓) trabajar con perfección.
- 0,8 4- Completa los espacios con pronombres demostrativos. (1,0)
- a) Mi deseo es este (este-ese-aquel); estudiar. E
 - b) Su deseo de la estudiante era ese (este-ese-aquel); trabajar con esmero. E
 - c) aquellos (Estos-Esos-Aquellos) alumnos de allí estaban estudiando para la prueba. E
 - d) este (Este-Ese-Aquel) lapicero que está allí con Juan es mío. E
 - e) esa (Esta-Esa-Aquella) goma que está aquí es de Manuel. E

Imagem 2: Prova de Língua Espanhola nota (8,8)

Fonte: própria dos autores

- 1,0 5- Completa los espacios con pronombres interrogativos según las respuestas dadas. (1,0)
- a) ¿Cuál es su nombre? Mi nombre es Pedro.
 - b) ¿Dónde vive usted? Vivo en Madrid.
 - c) ¿Quié haces tú? Soy profesor.
 - d) ¿Dónde vas a trabajar? Voy a trabajar mañana.
 - e) ¿Qué te gusta hacer en sus vacaciones? Me gusta ver películas de humor.
- 2,0 6- Elige el pronombre relativo correcto. (2,0)
- a) Este es el libro que (que-quien-cual) estoy leyendo. E
 - b) Este es el local donde (quien-cual-donde) trabajan voluntariamente para ayudar a los demás. E
 - c) Este es el plató en el qual (que-quien-cual) se rodó la película de Almodóvar.
 - d) Marta, cuyo (que, quien, cuyo) hermano vive en Chile, se va a mudar allí pronto.
 - e) Los niños, los quie (que, cuales, quines) jugaban en la calle, no vieron el accidente.
- 2,8 7- Escribe 05 de las partes de la casa en español en forma de frases. (3,0)

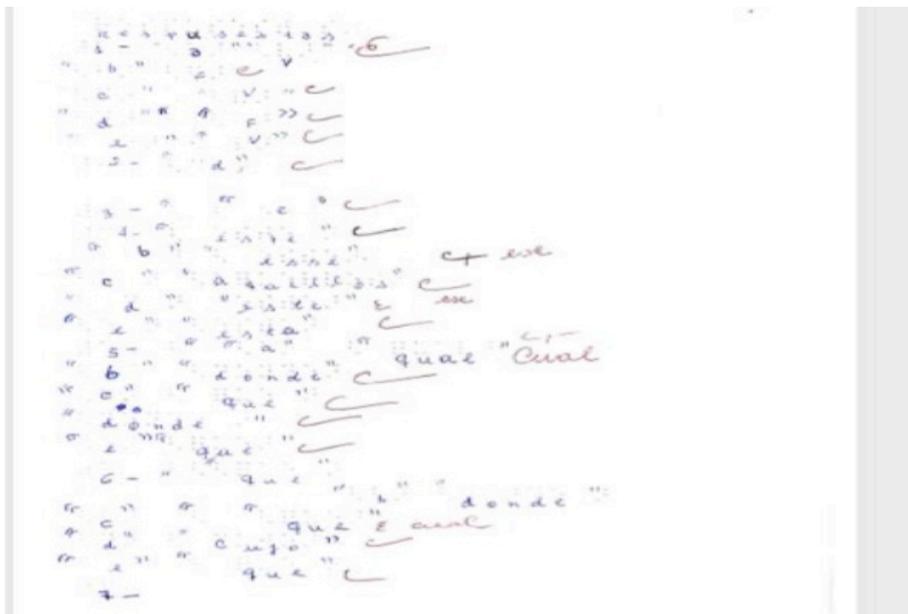


Imagem 3: Transcrição da prova de espanhol 3º bimestre - nota (8,8)

Fonte: própria dos autores

SOBRE O ORGANIZADOR

Willian Douglas Guilherme: Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-375-0

